

UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO
INTERDISCIPLINAR DE
ESTUDO E PESQUISA
DO IMAGINÁRIO
SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ISSN 1519-6674
ANO XX
VOLUME 33
(JUL-DEZ)
2020
P. 1-9.

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ:

**“HUMANIDADES, HUMANOS/AS E A PANDEMIA:
REFLEXÕES SOBRE OS NOSSOS TEMPOS”**

Profa. Dra. Patricia Alejandra Fogelmanⁱ

Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas -
CONICET/Argentina

Prof. Dr. Mauro Henrique Miranda de Alcântaraⁱⁱ

Instituto Federal de Rondônia – IFRO/Brasil

A **REVISTA LABIRINTO**, em seu **volume 33 (JUL-DEZ) 2020**, oferece à comunidade das Ciências Humanas brasileira e internacional, e à toda comunidade em geral, o dossiê intitulado **“Humanidades, humanos/as e a pandemia: Reflexões sobre os nossos tempos”**.

A humanidade sempre conviveu com doenças, pragas e devastações. Há diversos registros, pesquisas, estudos, publicações, enfim, um emaranhado de conhecimento apresentando e nos explicando sobre estes momentos/acontecimentos históricos. Todavia, quando estamos vivendo estes acontecimentos, há certa dificuldade em conseguirmos compreender sua dimensão e sua importância. Projetamos o que poderá ser, comparamos com o que foi. Revivemos e reavivamos acontecimentos, buscando, a partir deles, nos orientarmos no tempo-espaço. Como cientistas das humanidades, angustiamos-nos com o cenário, buscamos explicá-lo, mediante as ferramentas que possuímos e, precisamos dar vazão para o que estamos investigando, pensando, refletindo.

A proposta desse dossiê foi trazer para o debate acadêmico, reflexões, análises e debates sobre esse momento ímpar que vivenciamos. O propósito foi integrar em uma publicação, diversos olhares das humanidades sobre o fenômeno da pandemia em nossas vidas. E podemos dizer que a comunidade acadêmica correspondeu com brilhantismo, arrojo e beleza. Os nove artigos que compõem esse portfólio, apresentam uma gama interessante e surpreendente de vozes e perspectivas sobre a temática: textos de quatro países diferentes (Argentina, Brasil, Uruguai e Espanha), distintas regiões brasileiras (norte, centro-oeste, sudeste e sul),

formações distintas dos/as autores/as e temas e propostas diversas (direitos humanos, neoliberalismo, micropolítica, indígenas, medo, historicismo, crônica, etc.) fazem parte dessa coletânea, o que a enriquece e poderá oportunizar ao público, ver/enxergar diferentes perspectivas sobre a pandemia que experienciamos.

O artigo que abre o dossiê, escrito pela professora da Universidade de Buenos Aires (mas residente em Salvador-BA) Lucrecia Raquel Greco, “A lição é mais para os capitalistas do que para nós: Micropolíticas de la Capoeira de Rua para no acomodarse en la pandemia”, refleti sobre práticas coletivas em torno de técnicas corporais, como espaços de grande importância para sobreviver ao ambiente pandêmico atual. Ela analisa, especificamente, as práticas micropolíticas da Associação de Capoeira de rua Berimbau, na Bahia.

O texto “Sem marchas, mas com memória, verdade e justiça. Reconfigurações do repertório de ação do campo dos direitos humanos na Argentina frente à pandemia do Covid-19”, do doutorando em História pela Unicamp, Marcos Tolentino, buscou questionar a permanência da ocupação dos espaços públicos, demandas de memória, verdade e justiça durante o período de isolamento social, na Argentina. O questionamento do autor é em torno de quais tipos de memória, verdade e justiça sobre o período ditatorial argentino foram produzidos neste momento pandêmico.

Mauro Henrique Miranda de Alcântara e William Kennedy do Amaral Souza, professores do Instituto Federal de Rondônia, buscaram analisar e refletir, a partir de reportagens publicadas em *sites*, sobre a perspectiva do que vem sendo chamado pela mídia de “novo normal”, diante das possíveis mudanças sociais e econômicas, ocasionadas pelo novo coronavírus. O artigo intitulado “Pandemia e crise: a psicopolítica do ‘novo normal’”, questiona essa transformação, reflete sobre os novos padrões de consumo e de expansão do capital, sendo mais digital e virtual, menos humano e consciente, e reflete sobre como a psicopolítica corrobora para criação de eufemismos para velhos comportamentos, bem como, aprofunda a relação de dependência da humanidade dos aparatos tecnológicos e dos serviços digitais, garantindo a continuação de um sistema consumista, desigual e que tem em sua cerne a concentração de riquezas.

Leda Agnes Simões de Melo, doutora em História pela UERJ e Daniele Lovatte Maia, professora da UFF, no artigo “As bordas do planeta: a covid-19 e as comunidades

indígenas do Brasil”, refletem sobre como essas comunidades estão sendo afetadas pela crise sanitária e sobre o pouco esforço político para o cumprimento dos direitos indígenas, que além da pandemia, vivem na luta pela terra, sofrem a ausência de assistência saúde, com a fome e a pobreza estrutural que a modernidade e a civilização - longe de ter resolvido - piora. Mais, as comunidades estão estabelecendo estratégias de combate contra disseminação do vírus.

O isolamento tem nos levado a olhar desde nossas telas eletrônicas e outras janelas. Mas, também foi aberta outra via: a de olhar o espaço interior (doméstico) desde as obras da arte. Maria Garganté Llanes (Universitat Autònoma de Barcelona) e Manel Trenchs Mola (Escola Pia de Mataró) desenvolveram uma experiência através da rede recorrendo a “arte como terapia durante a cuarentena: del proyecto ‘QuedARTE en casa’ a las recreaciones fotográficas de obras de arte”. No seu artigo, os/as colegas catalães se referem a uma compilação de 2500 imagens que abarcam desde o século XVI até a atualidade. Elas nos permitem ver os infinitos matizes do que tem representado, ao longo do tempo, o fato de ficar em casa. E isso vai nos favorecer para pensar nas múltiplas leituras sociais e de gênero. A partir dessas imagens, promoveram e recolheram muitas recreações fotográficas de obras de arte.

Lourdes Peruchena (Universidad de La Republica, Uruguay) refere-se aos “Itinerarios interpretativos sobre biopoder, pandemia y miedo: desde la Europa Tardo Medieval y Moderna al presente. Algunas reflexiones desde Uruguay.”. Esse olhar de longo prazo da pesquisadora, nos oferece um artigo que revisa o itinerário de interpretações e explicações de diferente origem disciplinar (filosófico, histórico, sociológico), considerando as interfaces entre corpo e Estado que, somadas a experiência adquirida, nos permitem considerar o medo como fio condutor dessas reflexões como primeira e principal consequência da pandemia.

Uma reflexão instigante vem no artigo do Vítor Valente Cavalcante, doutorando em História pela UFG, o balanço sobre “Os males e as virtudes da COVID-19”. Da brutal exclusão social, perpassando aos problemas ambientais e aos dilemas existenciais de nosso cotidiano, soma-se essa nova emergência sanitária, alterando a correlação de forças sociais e naturais e nos impondo a necessidade do isolamento como prova de amor e cuidado com a vida dos próximos e dos distantes. O autor propõe que “as contradições chegaram ao paroxismo e expuseram o limite do capitalismo (...)”

deixando no esquecimento os seres humanos, tornados desnecessários diante de um modo de produção totalmente automatizado”, assim, reflete numa linha teórico-filosófica e investigativa-analítica, pensando num projeto para o Brasil baseado na experiência internacional da gripe espanhola.

Patricia Fogelman (CONICET, Argentina) participa do dossiê com “Una crónica de aviones y girasoles. Dos argentinas varadas en México, repatriadas por mormones, y algunas consideraciones sobre la invisibilidad en el inicio del ASPO”. Neste artigo, que é uma crônica e um comentário sobre três obras literárias (*Soupa de Wu Han*, *La fiebre*, *El futuro después del Covid-19*) surgidas no início do isolamento (ASPO), centra-se numa situação quase excepcional: a experiência de um casal de lésbicas argentinas que ficou retido na cidade de México até o final de abril e foram repatriadas em um voo mexicano de missionários Mórmons latino-americanos. Na Argentina, a situação dos retidos no exterior foi o centro de um debate moralizante e político a inícios da pandemia. A proposta do artigo é questionar alguns preconceitos, enxergar certas contradições, e pensar em uma chave em que “tornar visível também é humanizar”.

Fechamos o dossiê com o artigo do Tadeu dos Santos (UEM) sobre “Pandemia do coronavírus no contexto interétnico: entre permanência e ruptura do sistema, valores e humanidade”. O autor busca articular na dimensão teórica que envolve a história, arte e suas relações entre oralidade e imagem, por meio de referenciais teóricos relacionados às teorias da etnicidade, ao interculturalismo e com base na interpretação hermética sobre os sistemas de signos em espaços de singularidade em suas práticas coletivas. Outrossim, o autor se debruça nos mitos indígenas de origens dos relatos históricos, na iconografia do invisível e memória das narrativas imagéticas acerca da arte xamã, dos grupos étnicos específicos. O artigo propõe refletir acerca da atual pandemia e o impacto causado nas comunidades indígenas e busca soluções e/ou meios para evitar a contaminação nestes grupos étnicos.

A variedade dos temas e olhares dos artigos selecionados refleti questões transversais como o medo, os riscos do capitalismo e a exclusão estrutural dos pobres e das comunidades indígenas e, também, evidencia e valoriza a criatividade dos coletivos mais periféricos do coração do sistema. Não obstante, o tom do dossiê é fortemente crítico da situação e, muito especialmente, das consequências do neoliberalismo. As ciências humanas e sociais estão tentando entender e propor saídas, mas a política segue

sendo o núcleo das decisões que se devem tomar para proteger as comunidades mais frágeis do sistema. Os intelectuais das humanidades em pandemia têm a responsabilidade de assinalar, dizer e reclamar. Contudo, a esfera da política limita no Brasil e em outros espaços, as possibilidades de resistir socialmente os embates do vírus. Nesse sentido, os artigos de Argentina, Brasil, Espanha e Uruguai servem para ter um panorama diverso das situações e das crises e as contradições específicas. Ao menos, a partir desse dossiê, tentamos compartilhar experiências, ideias e diagnósticos sobre esses casos locais para nos manter perto, apesar do distanciamento social que a pandemia provoca.

Agradecemos a direção da Revista Labirinto, Professora Doutora Veronica Aparecida Silveira Aguiar da Universidade Federal de Rondônia, pela editoração e pela oportunidade da construção deste trabalho. Também agradecemos os pareceristas que contribuíram com esta edição. Boa Leitura!

PRESENTACIÓN – DOSSIER:

“HUMANIDADES, HUMANOS/AS Y LA PANDEMIA: REFLEXIONES SOBRE NUESTROS TIEMPOS”

5

La REVISTA LABIRINTO, en su volumen 33 (JUL-DIC) 2020, ofrece a la comunidad de Humanidades brasileña e internacional, y a toda la comunidad en general, el dossier titulado “**Humanidades, humanos/as y la pandemia: Reflexiones sobre nuestros tiempos**”.

La humanidad siempre convivió con enfermedades, plagas y devastaciones. Existen diversos registros, investigaciones, estudios, publicaciones, en fin, una maraña de conocimiento presentando y explicándonos sobre estos momentos/acontecimientos históricos. Todavía, cuando estamos viviendo estos acontecimientos, hay cierta dificultad para conseguir comprender su dimensión y su importancia. Proyectamos lo que podrá ser, comparamos con lo que fue. Revivimos y reavivamos acontecimientos, buscando, a partir de ellos, orientarnos en tiempo y espacio. Como científicos de las humanidades, nos angustiamos con el escenario, buscamos explicarlo, mediante las herramientas que poseemos y precisamos estimar lo que estamos investigando, pensando, reflexionando.

La propuesta de este dossier fue traer al debate académico, reflexiones, análisis y discusiones sobre ese momento excepcional que vivenciamos. El propósito fue integrar en una publicación, diversas miradas de las humanidades sobre el fenómeno de la pandemia en nuestras vidas. Y podemos decir que la comunidad académica correspondió con brillantez, arrojo y belleza. Los nueve artículos que componen ese número, presentan una gama interesante y sorprendente de voces y perspectivas sobre la temática: textos de cuatro países diferentes (Argentina, Brasil, Uruguay y España), distintas regiones brasileñas (norte, centro-oeste, sudeste y sur), formaciones distintas de lxs autorxs, temas y propuestas diversas (derechos humanos, neoliberalismo, micro-política, indígenas, miedo, historicismo, crónica, etc.) hacen parte de esta colección, lo que la enriquece y podrá brindar al público diferentes perspectivas para enfocar la pandemia que experimentamos.

El artículo que abre el dossier, escrito por la profesora de la Universidad de Buenos Aires (pero residente en Salvador-BA) Lucrecia Raquel Greco, “A lição é mais para os capitalistas do que para nós: Micropolíticas de la Capoeira de Rua para no acomodarse en la pandemia”, reflexiona sobre prácticas colectivas en torno de técnicas corporales, como espacios de gran importancia para sobrevivir al ambiente pandémico actual. Ella analiza, específicamente, las prácticas micro-políticas de la Associação de Capoeira de Rua Berimbau, en Bahía.

El texto “Sem marchas, mas com memória, verdade e justiça. Reconfigurações do repertório de ação do campo dos direitos humanos na Argentina frente à pandemia do Covid-19”, del doctorando en Historia de la Unicamp, Marcos Tolentino, buscó cuestionar la permanencia de la ocupación de los espacios públicos, demandas de memoria, verdad y justicia durante el período de aislamiento social en la Argentina. El cuestionamiento del autor es en torno a cuales son los tipos de memoria, verdad y justicia que sobre el período de dictatorial argentino fueron producidos en este momento pandémico.

Mauro Henrique Miranda de Alcântara y William Kennedy do Amaral Souza, profesores del Instituto Federal de Rondônia, buscaron analizar y reflexionar, a partir de reportajes publicados en *sites* de internet sobre la perspectiva de lo que en los medios de difusión viene siendo llamado “nuevo normal”, frente a los posibles cambios sociales y económicos, ocasionados por el nuevo coronavirus. El artículo intitulado “Pandemia e

crise: a psicopolítica do ‘novo normal’”, reflexiona sobre los nuevos patrones de consumo y de expansión del capital, siendo más digital y virtual, menos humano y consciente, y reflexiona sobre como la psico-política corrobora la creación de eufemismos para viejos comportamientos, así como, profundiza la relación de dependencia de la humanidad de los aparatos tecnológicos y de los servicios digitales, garantizando la continuación de un sistema consumista, desigual y que tiene en su núcleo la concentración de riquezas.

Leda Agnes Simões de Melo, doctora en Historia por la UERJ, y Daniele Lovatte Maia, profesora de la UFF, en el artículo “As bordas do planeta: a covid-19 e as comunidades indígenas do Brasil”, reflexionan sobre como esas comunidades están siendo afectadas por la crisis sanitaria y sobre el poco esfuerzo político para el cumplimiento de los derechos indígenas, comunidades que -más allá de la pandemia- viven en la lucha por la tierra, sufren la ausencia de asistencia de salud, el hambre y la pobreza estructural que la modernidad y la civilización -lejos de resolver- empeoran. Pero las comunidades están estableciendo estrategias de combate contra la diseminación del virus.

El aislamiento nos ha llevado a mirar desde nuestras pantallas electrónicas y desde otras ventanas. Pero, también fue abierta una otra vía: la de mirar el espacio interior (doméstico) desde las obras de arte. Maria Garganté Llanes (Universitat Autònoma de Barcelona) y Manel Trenchs Mola (Escola Pia de Mataró) desarrollaron una experiencia a través de la internet recurriendo a “El arte como terapia durante a cuarentena: del proyecto “QuedARTE en casa” a las recreaciones fotográficas de obras de arte”. En su artículo, los colegas catalanes se refieren a una compilación que realizaron de 2500 imágenes que abarcan desde el siglo XVI hasta la actualidad, ellas nos permiten ver los infinitos matices de lo que presentaron a lo largo del tiempo y el hecho de quedarnos en casa va a favorecernos para pensar en múltiples lecturas en clave social o de género. A partir de esas imágenes, promovieron y recogieron, además, muchas recreaciones fotográficas de obras de arte.

Lourdes Peruchena (Universidad de La República, Uruguay) se refiere a los “Itinerarios interpretativos sobre bio-poder, pandemia y miedo: desde la Europa Tardo Medieval y Moderna al presente. Algunas reflexiones desde Uruguay”. Esa mirada de largo plazo de la investigadora nos ofrece un artículo que revisa el itinerario de

interpretaciones y explicaciones de diferente origen disciplinario (filosófico, histórico, sociológico), considerando las interrelaciones entre cuerpo y Estado que, sumadas a la experiencia adquirida, nos permiten considerar el miedo como hilo conductor de esas reflexiones, como primera y principal consecuencia de la pandemia.

Una reflexión estimulante viene em el artículo de Vítor Valente Cavalcante, doctorando en História por la UFG, en el balance sobre “Os males e as virtudes da COVID-19”. De la brutal exclusión social, pasando a los problemas ambientales e a los dilemas existenciales de nuestro cotidiano, se suma esa nueva emergencia sanitaria, alterando la correlación de fuerzas sociales y naturales e imponiéndonos la necesidad del aislamiento como prueba de amor y cuidado con la vida de cercanos y distantes. El autor propone que “las contradicciones llegaron al paroxismo y expusieron el límite del capitalismo (...)” dejando en el olvido a los seres humanos, que se tornaron innecesarios frente a un modo de producción totalmente automatizado”, así, reflexiona en una línea teórico-filosófica e investigativa-analítica, pensando en un proyecto para Brasil basado en la experiencia internacional de la gripe española.

Patricia Fogelman (CONICET, Argentina) participa del dossier con “Una crónica de aviones y girasoles. Dos argentinas varadas en México, repatriadas por mormones, y algunas consideraciones sobre la invisibilidad en el inicio del ASPO”. En este artículo, que es una crónica y un comentario sobre tres obras literarias (*Sopa de Wu Han, La fiebre y El futuro después del Covid-19*) surgidas al inicio del aislamiento (ASPO), se centra en una situación casi excepcional: la experiencia de una pareja de lesbianas argentinas que quedó varada en la Ciudad de México hasta finales de abril y que fueron repatriadas en un vuelo mexicano de misioneros mormones latinoamericanos. En la Argentina, la situación de los varados en el exterior fue el centro de un debate moralizante y político a inicios de la pandemia. La propuesta del artículo es cuestionar algunos preconceptos, enfocar ciertas contradicciones, y pensar en una clave en la que “visibilizar también es humanizar”.

Cerramos el dossier con el artículo de Tadeu dos Santos (UEM) sobre “Pandemia do coronavírus no contexto interétnico: entre permanência e ruptura do sistema, valores e humanidade”. El autor busca articular la dimensión teórica que envuelve la historia, el arte y sus relaciones entre oralidad e imagen, por medio de referencias teóricas relacionados las teorías de la etnicidad, al inter-culturalismo y con base en la

interpretación hermética sobre os sistemas de signos en espacios de singularidad en sus prácticas colectivas. Además, el autor analiza los mitos de origen indígenas y los relatos históricos, la iconografía de lo invisible y memoria de las narrativas visuales acerca da arte chamán, de grupos étnicos específicos. El artículo propone reflexionar acerca de la actual pandemia y el impacto causado en las comunidades indígenas y busca soluciones y/o medios para evitar la contaminación en estos grupos étnicos.

La variedad de los temas y miradas de los artículos seleccionados refleja cuestiones transversales como el miedo, los riesgos del capitalismo y la exclusión estructural de los pobres y de las comunidades indígenas pero, también, evidencia y valoriza la creatividad de los colectivos más periféricos del corazón del sistema. No obstante, el tono del dossier es fuertemente crítico de la situación y, muy especialmente, de las consecuencias del neoliberalismo. Las ciencias humanas y sociales están tratando de entender y proponer salidas, pero la política sigue siendo el núcleo de las decisiones que se deben tomar para proteger a las comunidades más frágiles del sistema. Los intelectuales de las humanidades en pandemia tienen la responsabilidad de señalar, decir y protestar. Con todo, la esfera de la política limita en Brasil y en otros espacios, las posibilidades de resistir socialmente los embates del virus. En este sentido, los artículos de Argentina, Brasil, España y Uruguay sirven para tener un panorama diverso de las situaciones, de las crisis y las contradicciones específicas. Al menos, a partir de este dossier, intentamos compartir experiencias, ideas y diagnósticos sobre esos casos locales para mantenernos cerca, a pesar del distanciamiento social que la pandemia provoca.

Agradecemos a la dirección de Revista Labirinto, Profesora Dra. Veronica Aparecida Silveira Aguiar de la Universidad Federal de Rondônia, por publicar y por la oportunidad de construir este trabajo. También agradecemos a los tasadores que contribuyeron a esta edición. ¡Buena lectura!

NOTAS

ⁱ Historiador. Investigador de la Carrera de Pesquisador Científico del CONICET con sede en el Instituto Ravnani de la Universidad de Buenos Aires. Dictó Teoría de la Historia en la UNLu e Historia de Brasil en la UBA. Coordina el GEHBP y el GERE, grupos de investigación.

ⁱⁱ Professor do Instituto Federal de Rondônia, *Campus Cacoal*. Doutor em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (2019).